Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Entre câmeras, microfones e habitus: a representação do telejornalismo em Ângela Diniz: Assassinada e Condenada.[1]

Between cameras, microphones and habitus: the representation of television journalism in Ângela Diniz: Murdered and Convicted.

Leiliane Germano
Jhonatan Alves Pereira Mata

Palavras-chave: Violência contra mulher; Feminicídio; Telejornalismo; Midiatização; Ângela Diniz.

1 Introdução

A imprensa acompanhou casos emblemáticos e importantes transformações legislativas relacionadas aos direitos das mulheres no Brasil. Entre esses acontecimentos, destaca-se o julgamento de Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como Doca Street, pelo assassinato de Ângela Diniz, em 1976. O caso tornou-se um marco na discussão pública sobre a violência contra mulheres ao impulsionar a contestação da tese

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

da "legítima defesa da honra", amplamente utilizada para justificar crimes praticados contra mulheres.

Mesmo antes da tipificação do feminicídio e da consolidação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência de gênero, o assassinato de Ângela Diniz adquiriu ampla repercussão social por meio da cobertura jornalística, tornando-se um dos casos mais emblemáticos da história brasileira. Décadas depois, essa memória é retomada pela série Ângela Diniz: Assassinada e Condenada (HBO Max, 2025), dirigida por Andrucha Waddington e inspirada no podcast Praia dos Ossos (2020), de Branca Vianna e Paula Scarpin.

A narrativa acompanha o julgamento de Doca Street enquanto reconstitui momentos da trajetória de Ângela Diniz, cuja imagem foi amplamente construída e disputada pelos meios de comunicação. Em um contexto no qual a televisão ocupava posição central na circulação de informações e na legitimação dos acontecimentos públicos, a série recupera elementos característicos do telejornalismo para reconstruir a cobertura do caso e reinscrever simbolicamente esse acontecimento na memória social contemporânea.

Conforme Verón (2004, p. 216), os produtos midiáticos estabelecem contratos de enunciação que organizam as relações entre quem comunica e quem recebe a mensagem, produzindo efeitos de credibilidade e legitimidade. Sob essa perspectiva, a representação do telejornalismo na série não se limita à reconstituição histórica de uma cobertura jornalística, mas evidencia a televisão como instância de produção de sentidos socialmente compartilhados.

Essa perspectiva aproxima a análise do debate sobre midiatização e processos sociais, uma vez que a circulação midiática participa da construção pública da violência, das interpretações sobre os sujeitos envolvidos e das memórias coletivas que permanecem

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

em disputa ao longo do tempo. Assim, mais do que representar jornalistas e práticas profissionais, a série evidencia como a televisão participa da produção simbólica do caso Ângela Diniz.

Diante disso, este artigo analisa como o telejornalismo é representado em Ângela Diniz: Assassinada e Condenada, discutindo de que maneira elementos audiovisuais associados à linguagem televisiva, como microfones, câmeras, entradas ao vivo, cinegrafistas e aparelhos televisivos, contribuem para produzir efeitos de credibilidade, autenticidade e legitimidade. Busca compreender como essas estratégias representam o habitus jornalístico e evidenciam processos de midiatização na construção social do feminicídio e de sua memória.

Além disso, pretende-se compreender quais estratégias são acionadas para construir o habitus jornalístico. Ressalta-se, aqui, o conceito de habitus apresentado por Pierre Bourdieu (1992, p. 101) como uma subjetividade socializada. Dessa forma, o habitus deve ser compreendido como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação, experimentado e colocado em prática por grupos e indivíduos que compartilham uma mesma trajetória social.

2 Representação, televisão e produção de sentido

Para Stuart Hall (2016, p. 38-39), a representação não corresponde a um reflexo direto da realidade, mas a um processo de produção de sentidos mediado pela linguagem, pelos signos e pelos sistemas culturais compartilhados. Os sujeitos interpretam o mundo a partir de mapas conceituais que organizam suas experiências e permitem transformar acontecimentos em significados socialmente inteligíveis. Nessa perspectiva, os elementos visuais associados ao telejornalismo presentes na série, como microfones, câmeras, entradas ao vivo, cinegrafistas e enquadramentos característicos da televisão, não atuam apenas como recursos cenográficos, mas como signos capazes de mobilizar sentidos

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

historicamente associados à credibilidade, à mediação da realidade e ao testemunho público.

Essa construção simbólica também pode ser compreendida a partir da perspectiva de Verón (2004, p. 216-217), para quem os produtos midiáticos estabelecem contratos de enunciação que organizam as relações entre quem comunica e quem recebe a mensagem. Esses contratos são sustentados por estratégias discursivas que projetam determinadas imagens do enunciador, do destinatário e do vínculo estabelecido entre ambos. Na representação do telejornalismo construída pela série, a linguagem televisiva recupera justamente essas estratégias para produzir um efeito de autenticidade e reforçar a autoridade atribuída ao discurso jornalístico.

Ao discutir o telejornal televisivo, Verón (1989, p. 69) destaca que o olhar dirigido ao público constitui um dos principais mecanismos de construção da credibilidade do discurso informativo. Mais do que um recurso técnico, trata-se de uma estratégia enunciativa que estabelece uma relação de confiança entre o jornalista e o espectador. Na série, embora se trate de uma obra ficcional, a reconstrução de enquadramentos, performances e modos de apresentação típicos do telejornalismo contribui para produzir efeitos de verossimilhança, aproximando simbolicamente o espectador da cobertura histórica do caso.

Nesse sentido, Vizeu e Cerqueira (2016, p. 7) compreendem o telejornalismo como um “lugar de referência” para os brasileiros, semelhante à família, à escola ou à religião. Segundo os autores, “assistimos à televisão e vemos o mundo, ele está, ele nos vê”. A televisão consolida-se, assim, como espaço de legitimação pública e de construção compartilhada da realidade social. Wolton (2007, p. 132) amplia essa compreensão ao definir a televisão como um importante laço social, capaz de reunir indivíduos em torno dos mesmos acontecimentos e produzir experiências coletivas de interpretação do mundo. Becker (2007, p. 168), por sua vez, destaca que o telejornalismo ocupa posição central na

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

elaboração cotidiana da realidade social, constituindo-se historicamente como uma das principais formas de acesso da população aos acontecimentos públicos.

Essa dimensão também aproxima a análise da perspectiva da midiatização. Conforme Silveira (2024, p. 162), a violência deve ser compreendida como um processo construído na e pela midiatização, resultado da articulação entre diferentes campos sociais e o campo midiático. Nesse processo, a mídia não apenas divulga acontecimentos, mas participa da produção de avaliações, enquadramentos e atribuições de responsabilidade que incidem sobre a percepção pública. Sob essa perspectiva, a representação do telejornalismo na série ultrapassa a função de contextualizar historicamente o julgamento e evidencia a televisão como instância ativa na produção de sentidos sobre o feminicídio e sobre a própria figura de Ângela Diniz.

Coutinho (2012, p. 15) complementa essa discussão ao demonstrar que a dramaturgia do telejornalismo organiza imagens, sons, performances e narrativas capazes de hierarquizar acontecimentos e produzir efeitos de sentido. Ao mobilizar esses recursos estéticos, a série não apenas rememora um episódio histórico, mas reinscreve simbolicamente a televisão como espaço de legitimação pública. Dessa forma, a obra evidencia que a cobertura jornalística integra processos sociais mais amplos de circulação de sentidos, memória e construção da realidade, aproximando a análise do debate sobre midiatização que orienta este trabalho.

A vida de Ângela Diniz foi amplamente acompanhada pelos meios de comunicação, e sua morte transformou-se rapidamente em um acontecimento de interesse nacional. Conforme destacado no podcast, o primeiro julgamento de Doca mobilizou intensa cobertura jornalística. A TV Globo, então líder de audiência, acompanhou todas as etapas do caso, assim como outros veículos da época. Branca Vianna destaca que o julgamento, com aproximadamente 21 horas de duração, assemelhava-se a uma final de Copa do Mundo. Foi a primeira vez que um julgamento foi integralmente televisionado,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reunindo dezenas de profissionais de imprensa. Apenas a TV Globo deslocou cerca de 13 carros de transmissão e 68 integrantes de sua equipe para a cobertura (Praia dos Ossos, 2020).

A análise concentrou-se nas sequências em que o telejornalismo assume função narrativa relevante, especialmente aquelas que apresentam jornalistas, entrevistas, entradas ao vivo, transmissões televisivas e equipamentos de captação de imagem e som.

A série recupera essa dimensão midiática ao inserir constantemente jornalistas e aparatos televisivos em cena. A primeira representação mais evidente ocorre no segundo episódio, A Pantera de Minas, durante a chegada de Doca ao tribunal. A narrativa apresenta repórteres realizando entradas ao vivo enquanto cinegrafistas registram a movimentação externa do julgamento. O reconhecimento imediato desses personagens decorre dos signos que estruturam a linguagem televisiva, como microfones, câmeras, enquadramentos, narração objetiva e dinâmicas próprias das transmissões jornalísticas. No sexto episódio, Quem ama não mata, esses recursos tornam-se ainda mais recorrentes. A série recria a entrevista concedida por Doca à TV Globo antes de sua entrega à polícia, evidenciando não apenas a presença da repórter, mas toda a estrutura técnica que sustenta a produção da notícia.

À luz de Hall (2016, p. 39), esses elementos funcionam como sistemas de representação capazes de produzir sentidos socialmente compartilhados. Microfones, câmeras e entradas ao vivo não possuem significado isoladamente; tornam-se signos associados à autoridade informativa, à atualidade e à legitimidade do discurso jornalístico. Ao mobilizar esses códigos, a série produz um efeito de verossimilhança que aproxima a narrativa ficcional da memória social construída em torno do caso Ângela Diniz.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Essa estratégia narrativa também pode ser compreendida a partir das contribuições de Verón (2004, p. 217). Ao reproduzir enquadramentos, performances e formas de enunciação características do telejornalismo, a série recupera o contrato de credibilidade historicamente estabelecido entre a televisão e seus espectadores. O olhar dirigido à câmera, as entradas ao vivo e a postura dos jornalistas reforçam a autoridade simbólica do discurso informativo e fazem com que a cobertura representada seja percebida como socialmente legítima, mesmo em uma obra ficcional.

Além da reconstrução das rotinas jornalísticas, o telejornalismo atua como marcador temporal e dispositivo narrativo. Televisores ligados, reportagens recriadas, vozes de repórteres e personagens acompanhando o julgamento pela televisão situam historicamente os acontecimentos e evidenciam a centralidade desse meio na circulação pública de informações. As reações de familiares, amigos e demais personagens diante das notícias demonstram que a televisão constitui um espaço de compartilhamento coletivo de emoções e interpretações, aproximando-se do que Wolton (2007, p. 133) define como laço social.

Entretanto, a série vai além da representação do fazer jornalístico. Ao evidenciar a intensa cobertura do julgamento, mostra que o caso extrapola os limites do tribunal e passa a ser disputado também no espaço midiático. Sob essa perspectiva, a televisão deixa de ser apenas um veículo de divulgação dos acontecimentos para participar da construção pública dos sentidos atribuídos à vítima e ao acusado.

Essa leitura aproxima a análise da perspectiva da midiatização. Conforme argumenta Silveira (2024, p. 165), a violência constitui um processo produzido na e pela midiatização, articulando o campo midiático a outros campos sociais e incidindo sobre a produção de avaliações, enquadramentos e atribuições de responsabilidade. Na série, o telejornalismo é representado como parte desse processo ao contribuir para a circulação

de narrativas que influenciam a percepção pública sobre Ângela, Doca e o próprio julgamento.

Desse modo, a representação do telejornalismo na série não se limita à reconstituição histórica de uma cobertura jornalística. A obra reinscreve simbolicamente a televisão como instância de legitimação pública e evidencia sua participação na produção de sentidos, na construção da memória coletiva e nos processos sociais de midiatização da violência contra as mulheres.

4 Considerações finais

A representação do telejornalismo na série ultrapassa a função de reconstituição histórica e constitui um importante dispositivo de produção de sentidos. A mobilização de elementos característicos da linguagem televisiva, como câmeras, microfones, entradas ao vivo, performances, cenografia e aparelhos televisivos, aciona signos reconhecíveis da cultura midiática brasileira, produzindo efeitos de credibilidade, atualidade e legitimidade. Esses elementos organizam simbolicamente a percepção do espectador sobre o julgamento e sobre o feminicídio de Ângela Diniz.

Nesse contexto, a televisão configura-se como espaço de referência social e de produção de sentidos, articulando processos de midiatização que ultrapassam a circulação de informações e participam da construção da memória pública sobre a violência contra as mulheres. Assim, a série não apenas representa jornalistas e práticas profissionais, mas reinscreve a televisão como instância de legitimação pública, evidenciando seu papel na constituição de interpretações coletivas sobre o caso Ângela Diniz.

Referências

ÂNGELA DINIZ: Assassinada e Condenada. Direção: Andrucha Waddington. Brasil: HBO, 2025. Série de televisão. Disponível na plataforma HBO Max.

BECKER, Beatriz. Como, onde, quando e porque fala a audiência nos telejornais. Disponível em:< https://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/becker-beatriz-audiencia-telejornais.pdf >. Acesso em: 9 mai 2026.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. Réponses: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

HALL, Stuart. Cultura e representação. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MARTINS, Manuela. Mídia e feminicídio: uma análise do podcast praia dos ossos. Disponível em:< https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/19983/1/MMartins.pdf >. Acesso em: 8 mai 2026.

RÁDIO NOVELO. Podcast Praia dos Ossos. Direção: Paula Scarpin e Branca Vianna. 2020. Disponível em:< https://radionovelo.com.br/originais/praiadosossos/>. Acesso em: 7 mai 2026.

SILVEIRA, A. C. M. da. A midiatização da violência no Brasil: derivas da guerra e da securitização. In: FERREIRA, Jairo; BOLIN, Göran; SILVEIRA, Ada C. M.; LÖFGREN, Isabel (org.). Midiatização Sul e Norte: perspectivas epistemológicas e empíricas no Brasil e na Suécia. Porto Alegre: Sulina, 2025. p. 160-181.

VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In ____: VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 215-238.

VERÓN, Eliseo. Espaces énonciatifs du journal télévisé: un retour de l'énoncé? Bulletin du Certeic, Paris, n. 10, p. 67-72, 1989.

VIZEU; Alfredo. CERQUEIRA; Laerte. Telejornalismo: efeitos para o bem e para o mal. Disponível em:<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2925-1.pdf>. Acesso em: 8 mai 2026.

WOLTON, Dominique. Elogio do Grande Público. Uma Teoria Crítica da TV. São Paulo: Ática,1996.